

MEMÓRIA E MAGIA: FELICIDADE INVOLUNTÁRIA EM MARCEL PROUST

Tarik Vivan Alexandre⁹

RESUMO

O presente artigo pretende a partir dos textos de Marcel Proust compreender a proposta da extratemporalidade como uma busca pela felicidade, abordado em *O Tempo Redescoberto*. Para tal, investigamos este tema à luz da leitura de dois textos fundamentais: Walter Benjamin em *A Imagem de Proust* e Giorgio Agamben com *Magia e Felicidade*. A partir do processo da redescoberta proustiana pela memória involuntária, a extratemporalidade se torna o instante pelo qual é possível o acontecimento da redescoberta como causadora de uma felicidade. Considerando a felicidade como fim no pensamento rememorante de Proust e esta redescoberta como criadora vemos o novo, portanto, como parte deste movimento. Estabelece-se uma ponte entre a felicidade e a magia, suscitando uma dimensão comunicante para com a proposta de Proust auxiliando no esclarecimento na leitura do autor da *Recherche* uma vez que o estabelecimento de uma nova experiência narrativa propicia a formação de uma nova história. Podemos concluir que a tarefa da literatura para Proust, muito antes da descrição ou do registro de memórias, é, sobretudo, a demonstração da experiência do tempo que não se compõe pela linguagem no seu sentido mais estrito e sim como vivência, expressão de sentimentos e gestos que pertencem a esfera do tempo entrecruzado.

Palavras-Chave: Proust; Felicidade; Extratemporal; Magia; Involuntário.

ABSTRACT

This paper intends to understand the proposal of the concept in Marcel Proust's book *Time Regained* - the extratemporal - like a search for happiness. The investigation uses two essential texts for help our understanding: Walter Benjamin's *Proust's Image* and Giorgio Agamben's *Magic and Happiness*. Starting with the process of Proust's regain

⁹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), tarikalexandre@gmail.com.

through the involuntary memory, the extratemporal became the instant that is possible the regain, and the regain is responsible for happiness. Establishing happiness like a goal inside Proust's rememory thinking, the concept of regain is a creator of the novelty, then, a part of this movement, creating a link between happiness and magic. The happiness and magic do a communicating dimension with Proust's proposals, helping in the comprehension of Proust's *Remembrance of Things Past* once the creation of a new writing experience is a new forming history. We can conclude that the literature's goal for Proust, before a description or a memory's registration, it is, mainly, the demonstration of a time experience that is not made by language, yes of the living experience, feeling expression and gestures which belong to a crossed time.

Key-Words: Proust; Happiness; Extratemporal; Magic; Involuntary.

INTRODUÇÃO

“Toda a minha vida esperei por algo. Toda minha vida me senti como se estivesse numa estação ferroviária. E sempre me senti como se eu não tivesse vivido, mas sempre esperando por uma vida...uma espera...algo real... algo importante!”

Andrei Tarkovsky

A asma de Proust era desesperadora. Essa condição patológica de Proust causa interesse na medida em que podemos observar em seu texto um sintoma de sua própria doença. A frase proustiana, como um todo, é constituída de longos períodos, com grande quantidade de detalhes e descrições sobre os eventos da narrativa, como se houvesse uma necessidade de aproveitar todo o fôlego possível para se escrever antes que se acabe o ar. A dificuldade de falar era tanta que suas frases são rebuscadas e complexas para aproveitar cada momento de respiração disponível, criando uma oração totalizante e, em alguns momentos, beirando o fútil ou o desnecessário. Podemos observar como exemplo este bilhete enviado por Proust, em que o versar do palavreado, seguindo essa tendência asmática, é sempre prolixa e engenhosa sem necessariamente ser pertinente:

Distinta, respeitada senhora: chamo a sua atenção para o fato de haver esquecido ontem à noite em sua casa a minha bengala. Queira, por favor,

entregá-la ao portador desta. P.S.: Perdão pelo incômodo, mas acabo de encontrá-la¹⁰

É curioso que através desse pequeno texto, podemos ver em Proust uma incapacidade de conter a ansiedade em uma necessidade involuntária de “um momento a mais”, de forma afobada. É como se com essa afobação, ou a ironia do papel ridículo que Proust faz em solicitar uma bengala que já foi encontrada, ele pudesse manter um pouco mais de atenção de seu interlocutor para que sua respiração curta tivesse um instante de que a espera findasse, em que tivesse para si a atenção e pudesse ser devidamente compreendido. Esses episódios de angústia, assolados por esse desespero asmático, são bastante frequentes ao longo dos trabalhos de Proust, sendo o mais emblemático o caso de desespero do narrador da *Recherche* porque sua mãe não o colocou para dormir dando beijos de boa noite quando criança: depois de uma angústia incontrolável que se estende por toda a ausência da mãe, o narrador é salvo de seu desespero quando ela após o jantar, já exausta do comportamento do menino, finalmente o leva para dormir com ele (o dá atenção) com o consentimento do pai para que o garoto se acalme¹¹. Esse comportamento é possível de ser observado nas cartas: Proust costuma inserir ressalvas, detalhes, algum complemento que pudesse justificar e prender ao seu leitor com mais atenção, essa pequena dedicação de atenção, corroborando essa atitude desesperada de quem precisa dizer tudo antes que, efetivamente, o ar acabe:

Elas [cartas] têm esse quê de delicada clandestinidade, de permissividade, a que por fim se entrega o amante desesperado de qualquer resposta ou sinal por parte do ser amado, e que resolve se fazer notar ou mesmo atender: uma

¹⁰ CANÇADO, J. M. *PROUST – As intermitências do coração e outros ensaios*, Ed. UFMG, 2008, p. 17.

¹¹ A cena referida encontra-se em *No Caminho de Swann*, em que o narrador, ao recordar enquanto criança da angústia que a ausência do beijo de sua mãe antes de dormir o levavam ao desespero: “Eu não desviava os olhos de minha mãe; sabia que, quando estivessem à mesa, não me seria permitido ficar até o fim da refeição, e que, para não contrariar meu pai, mamãe não me deixaria beijá-la várias vezes diante dos outros, como se fosse em meu quarto. De modo que me prometia a mim mesmo, quando comessem a jantar, e eu visse aproximar-se a hora, tirar antecipadamente daquele beijo, que seria tão breve e furtivo, tudo o que eu lhe pudesse tirar sozinho: escolher com o olhar o ponto da face que beijaria, preparar o pensamento para que pudesse, graças a esse começo mental do beijo, consagrar todo o minuto que mamãe me concederia sentir sua face contra meus lábios, como um pintor que só pode obter curtas sessões de pose, prepara a palheta e faz de memória, antecipadamente, tudo aquilo para o qual em rigor pode prescindir do modelo.” PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p. 50.

pedrinha, imponderável quase, jogada contra a janela de um segundo andar, ainda com a luz acesa.¹²

É possível conceber que o incômodo de Proust em tentar falar o máximo possível em uma frase tenha uma correlação imediata com o Tempo. Constantemente Proust nota que a passagem do tempo, que poderíamos entender como o encontrar a bengala pelo acaso, o conduz a um fim, um término de algo que pudesse ser a experiência de determinado acontecimento, em que o encanto de genialidade que lhe acomete, como as madeleines com chá, que são rapidamente se dissipadas em sua experiência de rememoração em função da passagem do Tempo. Preservar na linguagem o máximo possível da experiência antes que ela se acabe é como podemos entender esse acesso de asma que o texto proustiano possui, pois uma vez que o tempo é finito e limitado, é necessário experimentá-lo antes que efetivamente se acabe (ou se destrua): a linguagem precisa guardar em si um tempo passado que não se perdeu/se destruiu. É nesse sentido que o aspecto da velhice, tratado mais amplamente no último volume, *Temps Retrouvé*, é de suma importância, pois o tempo modifica os corpos e os seres, no curioso paradoxo de serem, sempre, os mesmos: os salões de Guermantes ainda eram povoados pelos mesmos personagens da juventude e que de repente são travestidos em seres diferentes. O comentário da Catherine Malabou em *Ontologia do Acidente* é bastante contundente em sua análise do texto proustiano, pois pondera que ao longo da velhice, o tempo passa e nos destrói, mas, ao mesmo tempo, consegue preservar no corpo algo do passado:

Proust não cessou de insistir nessa ambiguidade plástica do tempo. A progressão, a evolução, a inflexão, a repetição, mas também o instantâneo, o infinitamente rápido, o choque, o acidente, que parecem escapar da duração, ou ao menos introduzir na espessura da sucessão a bifurcação indatável da destruição, fustigante como uma garra, imprevisível, palpitante e magnífica.¹³

O Tempo é Terrível: da mesma forma que garante ao corpo, e por sua vez a memória, a possibilidade de preservar o passado em si como ao mesmo tempo de destruí-lo e modificá-lo através dessa destruição. A velhice é emblemática sob esse aspecto, pois nela se conserva todo um passado nos indivíduos, mas, ao mesmo tempo, os atrai para a

¹² CANÇADO, J. M. *PROUST – As intermitências do coração e outros ensaios*, Ed. UFMG, 2008, p. 19.

¹³ MALABOU, C., *Ontologia do Acidente – Ensaio sobre a plasticidade destrutiva.*, Trad. Fernando Scheibe. Ed. Cultura e Barbárie. Florianópolis: 2014, p. 46.

morte. É nesse ambiente de destruição, a saber, no *Temps Perdu* que Proust não cessa de vasculhar, revisar e revisitar para que pudesse armazenar em um lugar seguro, tal como um amuleto, manter próximo de si o tempo que se destruiu de forma cativa antes que ele pudesse ser esquecido ou findado. Sob este aspecto, há uma semelhança entre Proust e Monet no que diz respeito ao tratamento do instante: capturá-lo é uma necessidade e que, uma vez perdido, pode diluir-se diante do passado como um esquecimento. Para Monet, aprisionar ou reter o instante de luz era primordial em seus quadros, para Proust, reter o instante do Tempo é de idêntica pertinência. Assim é muito notória como a asma proustiana, a saber, o grande fôlego dos períodos repletos de detalhes, sejam esse desespero em relação a destruição. Essa angústia do narrador asmático é muito bem explicitada através dos problemas amorosos, como o romance fracassado com Albertine em que a incompreensão da realidade que o rodeava sobre sua companheira, especialmente de sua orientação sexual e de suas relações com outras mulheres, só foi descoberto muito tardiamente, quando ela já havia morrido. Antes disso, o narrador possui grande sofrimento em relação a sua amada, pois não consegue compreender o que aparentemente se esconde em Albertine. O seguinte trecho de *A Fugitiva* é bastante elucidador dessa questão:

Minhas dúvidas! Ai de mim, acreditara que me seria indiferente, e mesmo agradável, não ver mais Albertine — até que sua partida revelou meu erro. [...] Assim também, ao receber a carta de Aimé, compreendi que, se até então não havia sofrido demasiado cruelmente com minhas dúvidas sobre a virtude de Albertine, é que, na realidade, não eram absolutamente dúvidas. Minha felicidade e minha vida necessitavam que Albertine fosse virtuosa e estabeleceram de uma vez por todas que ela o era. Munido dessa crença preservadora, eu podia, sem perigo, deixar meu espírito jogar tristemente com suposições a que ele dava forma, porém a que não atribuía fé. [...] Para compreender até que profundidade estas palavras penetravam em mim, convém lembrar que as questões que eu formulara a mim mesmo a respeito de Albertine não eram questões acessórias, indiferentes, questões de pormenor, únicas, na realidade, que formulamos a respeito de todos os seres que não são nós mesmos, o que nos permite caminhar, revestidos de um pensamento impermeável, no meio do sofrimento, da mentira, do vício ou da morte. Não. Com referência a Albertine, eram questões de essência: no fundo, quem era ela? Em que pensava? De que é que gostava? Mentia para mim? Minha vida fora tão lamentável quanto a de Swann com Odette? Por isso, o que a resposta de Aimé atingia, se bem que não fosse uma resposta geral, mas particular — e justamente por causa disso —, era de fato, em Albertine e em mim, a

profundidade. [...] É um dos poderes do ciúme revelar-nos como a realidade dos fatos exteriores e os sentimentos da alma são algo desconhecido, que se presta a mil suposições. Acreditamos saber exatamente o que são as coisas, e o que pensam as pessoas, pela simples razão de que isto não nos preocupa. Mas eis que nos assalta o desejo de saber, como sucede ao ciumento, e então é um verdadeiro caleidoscópio, onde não distinguimos mais nada (PROUST, 2012, p. 130-135).

É possível observar a partir desse trecho que só será no momento da separação de ambos, em que o narrador constata, de forma bastante grave, a sua solidão em função do desconhecimento da relação que possuía com a parceira: desconhecer é propriamente perder, deixar por destruir. Há a quebra do paradigma de que o ser amado possa nos contemplar e completar as nossas carências, sobretudo no anseio de Marcel em possuir Albertine de forma intensa e possessiva para si: conclui ele, assim como em Rilke, que o amor é a incompreensão do outro que não nos traz a salvação¹⁴ e que nos conduz a destruição e, conseqüentemente, ao passado como aquilo que se perdeu. Não se pode possuir o outro bem como não se pode possuir o Tempo. Logo, Albertine e sua dupla-vida, os encontros escusos com Andrée, as estranhas atitudes e o amor que nunca consegue efetivamente ser entendido são momentos da asma do narrador, em seu desespero carente, de tentar compreender o que lhe sucede. O conceito de signo de Gilles Deleuze consegue, com grande pertinência, corroborar com a nossa concepção de desespero asmático, pois o aprendizado de Marcel é aquele que visa compreender os signos que o rodeiam e deles retirar uma compreensão clara sobre o que rodeia o narrador de forma completa. Porém, no caso dos signos do amor, Marcel é colocado em uma posição passiva em relação ao amado já que não consegue compreendê-la de forma clara:

O amado implica, aprisiona um mundo, que é preciso decifrar, isto é, interpretar. Trata-se mesmo de uma pluralidade de mundos, o pluralismo do amor não diz respeito apenas à multiplicidade dos seres amados, mas também à multiplicidade das almas ou dos mundos contidos em cada um deles. [...] Há, portanto, uma contradição no amor. Não podemos interpretar os signos de um ser amado sem desembocar em mundos que se formaram sem nós, que se formaram com pessoas, onde não somos, de início, senão um objeto como os

¹⁴ “A hostilidade/aguarda, muito perto. Os amantes/não hesitam, sem cessar,/ entre limites – eles que aspiravam refúgio, espaço, busca? [...] Quem/ desconhece a angustiosa espera diante/ do palco sombrio do próprio coração?” RILKE, R. M., *Elegias de Duíno*, Trad. Dora Ferreira da Silva. Ed. Globo. São Paulo: 2013, p. 35-37.

outros. [...] os gestos do amado, no mesmo instante em que se dirigem a nós e nos são dedicados, exprimem ainda o mundo desconhecido que nos exclui.¹⁵

Amar em Proust, como bem afirma Deleuze, nos coloca em um plano de que o universo do amado é vetado a nós e que nossa passividade é semelhante a uma espera, a saber, aguardar um momento em que pudéssemos finalmente nos lançar para o interior do mundo do amado e conhecê-lo propriamente dito, dando a possibilidade de resgate da bengala que, supostamente, nunca foi perdida: ter uma brecha para que pudéssemos decifrar os signos do amado e deixar efetivamente de sofrer por conta deles. Contudo, este momento nunca acontece. O amor em Proust e a asma ganham essa dimensão de aproximação já que o esperar passivamente é uma condição inescapável da interpretação do amado, e, concomitantemente, há a grande necessidade de se poder guardar/armazenar tudo que se refere ao amado. A escrita a respeito do Tempo, por sua vez, vive relação semelhante: decifrar os signos e, com eles, armazenar algo que, aparentemente, é impossível constatar se verdadeiramente o conhecemos ou não. Podemos compreender que, é neste aspecto, que podemos encontrar o ponto de partida para essa escrita de Proust.

Levando em consideração a compreensão de que vida escoa através do Tempo, a saber, de que o tempo perdido é aquele que destrói, o narrador se sente na necessidade de encontrar uma resposta, algum esclarecimento em relação a seu próprio objetivo de vida, tal como ele opera com a relação amorosa. Escrever sobre o tempo, para Proust, não pretende se resumir a tratar dos problemas sentimentais causados pela asma e do desespero de Marcel com sua relação amorosa malsucedida. A busca de Marcel se torna relevante na medida em que este dá para si o objetivo de escrever um romance que faz análise a respeito do Tempo, se fazendo necessária a busca de um motivo relevante para a empreitada. É demanda revisitar o passado que se perdeu, este que tanto afligiu pelo fato de não ter sido devidamente capturado e que assola o presente na medida em que é rememorado: a *Recherche* se faz com o objetivo de compreender os signos que, aparentemente, são incompreensíveis, a saber, os signos dados pelo tempo. Compreender o tempo possui essa ambiguidade que cativava Proust pelas *Mil e Uma Noites*: todos os dias é necessário que se conte uma nova história que envolva a história anterior para que Scherazade jamais seja morta pelo sultão. Proust teme, da mesma forma que Scherazade,

¹⁵ DELEUZE, G. *Proust e os Signos*. 2. ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 7-8.

ser conduzido ao passado que se destrói, acarretando ao esquecimento e, por sua vez, a morte. Logo, é necessário formular uma narrativa que consiga preservar e analisar o passado através de uma narrativa que trata sobre o Tempo, evitando que ele se destrua. Não por acaso que é necessário que se conte uma história que se perpetue, o que causa o profundo interesse de Walter Benjamin por Proust. No texto *Walter Benjamin ou a história aberta*, Jeanne Marie Gagnebin aponta o interesse de Benjamin por Proust na medida em que o literato narra a história como esta experiência do Tempo que se perpetua e nos agracia com uma redescoberta, pois esta experiência ocorre a partir desta

memória infinita cuja figura moderna e individual será a imensa tentativa proustiana, tão decisiva para Benjamin. Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.¹⁶

A escrita de Proust é a retomada do passado pelo presente, de tal forma que a experiência do tempo pode ser revivida, como Scherazade a prolongar a mesma história através do tempo, em narrativas dentro de narrativas. Essa capacidade do texto proustiano em sua análise dos signos de remorar infinitas vezes o passado e com ele produzir infinitas narrativas é o elemento constituinte do *Temps Retrouvé*: a busca pela experiência do passado, retida nos recônditos da memória e que pudesse, por um instante, ser trazida ainda mais uma vez de forma outra, inovadora:

Ora, essa causa, eu a adivinhava confrontando entre si as diversas impressões bem-aventuradas, que tinham em comum a faculdade de serem sentidas simultaneamente no momento atual e no pretérito, o ruído da colher no prato, a desigualdade das pedras, o sabor da madeleine fazendo o passado permear o presente a ponto de tornar hesitante, sem saber em qual dos dois me encontrava; na verdade, o ser que em mim então gozava dessa impressão e lhe desfrutava o conteúdo extratemporal, repartido entre o antigo e o atual, entre o passado e o presente, se conseguia situar no único meio onde poderia viver, gozar a essência das coisas, isto é, fora do tempo.¹⁷

¹⁶ GAGNEBIN, M. J. *Walter Benjamin ou a história aberta*, In: Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 12-13.

¹⁷ PROUST, M. *O Tempo Redescoberto*. trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2009, p. 151.

O encontro com a redescoberta, essa capacidade de rememorar o passado, momento no qual o desespero e o roubo asmático de Proust agem como o esforço de retomada, a saber, o constante prolongamento do detalhe que produza uma rememoração coincidente entre passado e presente é que assegura o alívio proustiano: encontrar a alegria de ter a experiência do tempo passado no presente na extratemporalidade, fora do tempo. A redescoberta do tempo e sua extratemporalidade, para Proust, estão longe de qualquer ausência de finalidade, pois elas têm como característica garantir o cumprimento do objetivo do narrador em se tornar um escritor, em obter o entendimento a respeito dos signos do tempo. Compreender a vida diante do presente unida ao passado, no aprendizado dilatado sobre os signos, aliviado, que o tempo que se acabou ainda ocorre, noutra forma, no presente. Nesse sentido, o comentário de Benjamin a respeito das impressões de Cocteau sobre Proust é ilustrativo do nosso pensamento:

Cocteau percebeu aquilo que deveria preocupar, em altíssimo grau, todo leitor de Proust: ele viu o desejo de felicidade — cego, insensato e frenético — que habitava esse homem. Ele irradiava de seus olhos. Não eram olhos felizes. Mas a felicidade estava presente neles, como no jogo ou no amor. Tampouco é difícil compreender por que esse dilacerante e explosivo impulso de felicidade que atravessa toda a obra de Proust passou em geral despercebido por seus leitores.¹⁸

Opera-se dentro da rememoração proustiana uma espécie de magia que faz a escrita um processo de manipulação do passado que conduz a produção do romance, “pois a matéria da obra literária era, afinal, minha vida passada”¹⁹. Rememorar é o processo de produção da literatura através da escrita em que o redescobrir é a oportunidade fortuita, breve, do qual essa memória involuntária age e nos permite sentir como em nós mesmos a magia da felicidade causada pelo tempo redescoberto. Ora, a memória involuntária nada mais é do que um estopim súbito em que uma lembrança acomete o narrador com grande intensidade e o introduz a reviver a experiência do passado no presente, como na célebre cena das madeleines com chá, do qual

¹⁸ BENJAMIN, W., *A Imagem de Proust*, In: *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 39.

¹⁹ PROUST, M. *O Tempo Redescoberto*. trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2012, p. 244.

No mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção de sua causa.²⁰

Assim, o processo de rememoração age como uma pedra de toque entre os objetos, uma crença de que as almas permanecem cativas nos objetos e nos trazem as lembranças intensas das experiências do passado. Agamben descreve de forma pertinente a concepção de magia em seu livro *Profanações*, concebendo a magia como um processo de sorte e acaso do qual ninguém é devidamente merecedor, porém eventualmente somos portadores dessa sorte. Da mesma forma que somos portadores de sorte quando ganhamos na loteria, a memória involuntária proustiana age sob circunstâncias semelhantes, nos levando a crer que recordar é um golpe de sorte na medida que ocorre fora do controle do narrador.

Magia significa, precisamente, que ninguém pode ser digno da felicidade que, conforme os antigos sabiam, a felicidade à medida do homem é sempre *hybris*, é sempre prepotência e excesso. Mas se alguém conseguir dobrar a sorte com o engano, se a felicidade depender não do que ele é, mas de uma noz encantada ou de um ‘abre-te-sésamo’, então, e só então, pode realmente considerar-se bem-aventurado.²¹

Podemos compreender, tendo em vista a perspectiva agambeniana sobre magia, em que medida Proust gosta dos abre-te-sésamos da memória em seus delírios com as pratarias, os quadros e os tropeços que sofre e, como um ganhador da loteria, alcança a compreensão extratemporal. O comentário de Maurice Blanchot sobre Michaux no conceito de mágica nos permite estabelecer uma semelhança com o conceito mágico de Agamben na medida em que o pondera como um estopim mágico, impossível de ser determinado de forma racional:

É por ser o produto direto da emoção que o mundo de Michaux é um mundo mágico. Na emoção, tentamos abrir para nós um caminho para um mundo que não seja mais regulado por relações razoáveis e inteiramente determinadas, mas pela magia. A fúria, por exemplo, é um comportamento mágico que tende a abater com um só golpe um ser ou um objeto que não temos tempo de combater realmente. O mundo real é difícil demais, lento demais. A fúria não

²⁰ PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p. 71.

²¹ AGAMBEN, G., *Magia e Felicidade*, In: *Profanações*. Trad. Selvino J. Assmann. Ed. Boitempo. São Paulo: 2007, p. 20.

quer esperar, não tem a paciência de seguir as vias sinuosas que a ela se oferecem para uma ação verdadeira. Ela apagará, portanto, todos os dados práticos, e substituirá a ação concreta da vingança por uma ação simbólica, uma ação mágica por gestos, ameaças, palavras nas quais, fora do tempo, ela se realizará em todo o furor de seu desejo.²²

O comentário de Blanchot dialoga diretamente com o sentido de Proust dá a memória involuntária, pois é da narrativa proustiana “deslizar célere” sobre suas impressões, em busca de compreender a redescoberta. Seria a magia de Agamben e Michaux cambiantes, a saber, os golpes de sorte seriam igualmente momentos de fúria? Sendo assim, Proust ao notar estes momentos involuntários da sorte, como as tintilar das pratarias, o tropeço, estivesse furiosamente se valendo de seu golpe de sorte e encontrando a felicidade como um ímpeto incontrolável e furioso. Eis a espera de Proust: aguardar a involuntariedade da magia para alcançar essa felicidade velada pelo Tempo. Torna-se evidente, portanto, que é o contato com os objetos, entre as banalidades da vida ordinária que se efetiva a escrita sobre o tempo: a felicidade reside num golpe de sorte de encontrar na rememoração o contato com a arte, a saber, a literatura. Proust salienta que:

Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos se acham cativas em algum ser inferior, um vegetal, uma coisa inanimada efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar por perto da árvore, entrar na posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e que logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. [...] É assim com nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e de seu alcance, em algum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos.²³

Dessa forma, contato mágico para Proust com a realidade é de suma importância, pois opera tal como uma pedra de toque para que a escrita se produza e conduza a experiência do tempo. A magia e a sorte se tornam alicerces para a redescoberta na escrita de Proust, a saber, ambas ocorrem como involuntariedade que gera felicidade. Uma vez

²² BLANCHOT, M. *A Experiência Mágica de Henri Michaux*, Trad. Marcelo Jacques de Moraes, disponível em www.scielo.br/pdf/alea/v12n1/v12n1a13.pdf, último acesso em 20/07/2017.

²³ PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p. 70- 71.

desveladas nos objetos, elas são responsáveis pela libertação dessa experiência de felicidade da redescoberta. Cabe destacar a compreensão de Benjamin a respeito da felicidade proustiana:

[...] Existe uma dupla vontade de felicidade, uma dialética da felicidade. Uma forma de felicidade em hino, outra em elegia. A felicidade como hino é o inaudito, o sem precedentes, o auge da beatitude. A felicidade como elegia é o eterno mais uma vez, a eterna restauração da felicidade primeira e originária. É essa ideia elegíaca da felicidade, que também podemos chamar de eleática, que para Proust transforma a existência em uma floresta encantada da rememoração.²⁴

Esta simultaneidade entre o hino e a elegia, o *Temps Perdu* e *Temps Retrouvé* é que promovem ao narrador a experiência fora do tempo. A mágica suscitada pelo contato com seus amuletos/objetos de lembrança é que permitem a formação da vocação da escrita. É possível afirmar que, em Proust, felicidade eleática é a felicidade da rememoração uma vez que se comporta como um júbilo nostálgico: nostalgia, pois somente através da narrativa em que podemos efetivá-la enquanto experiência:

A verdadeira vida, a vida enfim descoberta e tornada clara, a única vida, por conseguinte, realmente vivida é a literatura. Essa vida que, em certo sentido, está sempre presente em todos os homens e não apenas nos artistas. [...] Captar nossa vida; e também a dos outros; pois o estilo para o escritor como a cor para o pintor é um problema não de técnica, mas de visão. [...] Em suma, esta arte, tão complicada, é justamente a única viva. Só ela exprime para os outros e a nós mesmos mostra nossa própria vida, essa vida que não pode ser ‘observada’, cujas aparências observáveis precisam ser traduzidas, frequentemente lidas às avessas, e a custo decifradas.²⁵

Não se trata, portanto, de que a redescoberta proustiana de alguma forma aniquile o tempo perdido, ou ainda o tempo que se destrói seja desprezado pela redescoberta. Contrariamente, o que foi perdido, destruído, a quem poderíamos conceber como dado a tristeza já que se trata da lembrança de algo acabado é que, por um efeito mágico, nos

²⁴ BENJAMIN, W., *A Imagem de Proust*, In: Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 40.

²⁵ PROUST, M. *O Tempo Redescoberto*. trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2009, p. 240-241.

retorna através da memória involuntária e nos conduz a felicidade numa perpetuidade que extrapola os tempos. Mais uma vez estamos em contato com o passado: tal como na elegia e que, na alegria de um hino — algo como um solavanco violento entre memória e acontecimento (ou passado e presente), cria o entrecruzamento entre os dois pontos, muito bem apontado por Benjamin, proporcionando que uma taça de chá seja capaz de trazer a lembrança do que se perdeu de volta, em certa espécie de sonho lúcido. O tempo redescoberto acaba por fundar um instante de alívio desse arroubo asmático proustiano tendo em vista que ele se expande pela história nesse passado mesclado ao presente. A felicidade ocorre tal como em um limiar:

A eternidade que Proust nos faz vislumbrar não é a do tempo infinito, e sim a do tempo entrecruzado. Seu verdadeiro interesse é consagrado ao fluxo do tempo sob sua forma mais real, e por isso mesmo mais entrecruzada, que se manifesta da maneira mais direta na rememoração (internamente) e no envelhecimento (externamente). Acompanhar a interação entre envelhecimento e rememoração significa penetrar no coração do mundo proustiano, o universo do entrecruzamento. [...] É esta a obra da *mémoire involontaire*, da força rejuvenescedora capaz de enfrentar o implacável envelhecimento.²⁶

Como o momento extratemporal, a felicidade arrebatada célere o narrador, causando a experiência de estar fora do tempo em um acontecimento, a saber, em um instante do qual o sentido do tempo (ou ainda da experiência) se dá para o narrador de forma plena. Em outras palavras, estar fora do tempo é o instante pelo qual o tempo que se perde e se redescobre são unidos através da involuntariedade. Logo, quando entrecruzam os tempos, a história passada com o presente, por um breve instante, se faz como felicidade através da mudança, de um emergir de novidade latente e fecunda já que a experiência do passado e do presente são modificadas pelo seu entrecruzamento. Eis o fôlego asmático da escrita de Proust: a busca pelo sonho no tempo entrecruzado, ou ainda o paradoxo entre o perdido e o redescoberto simultaneamente e que nos conduz aos golpes de sorte, aos acontecimentos da memória involuntária, o sonho da felicidade no interior da extratemporalidade:

²⁶ BENJAMIN, W., *A Imagem de Proust*, In: *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 46-47.

A desigualdade entre os dois ladrilhos no pátio; o ruído da colher esbarrando no prato; a curta frase da Sonata de Vinteuil; a nesga de muro amarelo “como um toldo”, na tela de Vermeer (A Vista de Delft); o roçar áspero, puro, salino do guardanapo engomado nos lábios; os seios de uma camponesa vistos entre duas mudas de roupa. Essas sensações se multiplicam ao longo de todo o romance, adensando o enigma da felicidade de que são mensageiras²⁷.

A felicidade e a memória involuntária se encontram, entrecruzam-se em sua relação de dependência em que a crença céltica das almas presas aos objetos se comporta como uma fagulha para a rememoração, pois eis que a sorte atua: a mágica lhe recobre e age como o beijo de dormir da mãe, o conduzindo pela floresta da rememoração através de um alívio de felicidade, o fazendo seguir pelas veredas das impressões dos passeios de Combray, demonstrando o mundo como cativo do espírito prestes a ser desvelado pelo amor às coisas e aos seres de modo a encontrar o tempo do hino como por um acaso. Mas, se há felicidade, certamente cabe a compreensão, o cuidado, a atenção para o belo, no meticuloso da beleza que Marcel pretende descobrir, pois

sem dúvida era porque imaginavam os méritos estéticos como objetos materiais que um olhar atilado não pode deixar de perceber, sem necessidade de amadurecer seus equivalentes dentro do coração.²⁸

Entender a felicidade depende da percepção da beleza, de compreender os belos livros, as belas paisagens e, ao mesmo tempo, compreender que a fagulha fortuita da memória poderia surgir desse esforço, mesmo que da forma involuntária que garante a experiência. É neste compreender da experiência mágica que vemos enfim que “o golpe de gênio de Proust está em não ter escrito ‘memórias, mas, justamente, uma ‘busca’”²⁹ e esta busca não é “simplesmente relembrar os acontecimentos, mas ‘subtraí-los às contingências do tempo em uma metáfora’” (Ibid). Sendo assim, o aspecto investigativo e dedicado, próprio do texto proustiano, é que garante a plenitude da felicidade dada pela rememoração.

²⁷ CANÇADO, J. M. *PROUST – As intermitências do coração e outros ensaios*, Ed. UFMG, 2008, p. 60-61.

²⁸ PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p.190.

²⁹ GAGNEBIN, M. J. *Walter Benjamin ou a história aberta*, In: *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014, p. 15.

Torna-se evidente, portanto, o arroubo asmático da escrita de Proust como uma necessidade de contemplação e amor por aquilo que rememora: apreciar a beleza da natureza era também amar, transfigurar a paixão pelo inanimado pela força do corpo que se debruça nesta paixão, pois o amor se torna essa investigação dos signos do Tempo que o recobrem. O desespero asmático se torna, assim, detalhe, um tratamento zeloso ao mundo uma vez que ele é o signo que necessita ser decifrado:

Parecia-me que a beleza das árvores era sua beleza e que a alma daqueles horizontes, da aldeia de Roussainville, dos livros que eu estava lendo, seu beijo me revelaria e como minha imaginação recobrava forças ao contato de minha sensualidade, e minha sensualidade se expandia por todos os domínios da minha imaginação, meu desejo não tinha mais limites. É que também — como acontece nesses momentos de cisma no seio da natureza, em que, suspensa a ação dos hábitos e relegadas as noções abstratas que temos das coisas, cremos então com uma profunda fé na originalidade e na vida individual do lugar onde nos achamos — a passante que meu desejo chamava afigurava-se-me não um mero exemplar desse tipo geral, a mulher, mas um produto necessário e natural daquele solo. Pois naquele tempo, tudo que não fosse eu próprio, a terra e os seres, parecia-me mais precioso, mais importante, dotado de uma existência mais real do que se apresenta aos homens feitos. E a terra e os seres, eu não os separava absolutamente.³⁰

Tudo o que era do propriamente sentimental interessava a Proust, pois só por eles alcançava a magia livre dos hábitos, das repetições dadas pela inteligência que obnubilam o pensamento, afastando da compreensão da redescoberta. No seio do sentir, como afirma Proust, há a magia da extratemporalidade como um acontecimento, como aquele que funda um novo percurso das *Mil e Uma Noites*. E eis que diante do original, o distante da razão, Marcel realiza sua magia do coração. Marcel diz em *Contre Sainte-Beuve* que cada dia dava menos valor à inteligência³¹ uma vez que o impossibilitava a compreender a originalidade do tempo, da redescoberta e da extratemporalidade. Entretanto, para além da compreensão do tempo, para Proust a felicidade era o mote da arte e do tempo, pois

³⁰ PROUST, M. *No Caminho de Swann*. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012, p. 201.

³¹ PROUST, M. *Contre Sainte-Beuve – Notas sobre crítica e literatura*, Trad. Haroldo Ramanzini, Ed. Iluminuras, 1988, p. 39.

logo que consegue, logo que inventa um novo nome, ela ostentará entre as mãos o passaporte que encaminha à felicidade. Ter um nome é a culpa. A justiça é sem nome, assim como a magia. Livre de nome, bem-aventurada, a criatura bate à porta da aldeia dos magos, onde só se fala por gestos.³²

O amor pelas árvores, como se nelas o aguardasse uma amante, são afetos que percorrem investigação do tempo. A experiência do tempo entrecruzado (e, por sua vez, da felicidade), ocorre na tentativa de expressão desse amor nos períodos afobados e asmáticos: a escrita de Proust se dá como a tentativa de expressão de gestos impronunciáveis que adquirem a forma de um desespero da linguagem afobada e detalhista, de expressão da experiência do passado hipotético do narrador. *Em Busca do Tempo Perdido* nada mais é do que a escrita sobre a experiência da felicidade a partir de um tempo entrecruzado ocasiado por um golpe de sorte. Felicidade é um amor, uma nostalgia do receio da morte que se alia ao viver enquanto presente uma vez que é inchado com a redescoberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a tarefa da literatura para Proust, muito antes da descrição ou do registro de memórias, é, sobretudo, a demonstração da experiência do tempo que se compõe pela linguagem no seu sentido mais estrito, sendo expressão dessa experiência do tempo através de sentimentos e gestos que pertencem a esfera deste tempo entrecruzado. Podemos conceber a busca pelo tempo antes como uma busca pelo sentido da arte — a experiência de amor ao passado que se torna arte —, encontrando no processo de escrita sua expressão mais fecunda e proveitosa a partir do contato fortuito com o banal. Podemos dizer que é da vida que se desperdiça e se destrói pelo decorrer do tempo que encontramos os verdadeiros paraísos perdidos, pois neles somos arrebatados pelo encontro fortuito com a sorte, concebendo o a experiência da arte enquanto sentido de uma experiência no tempo.

³² AGAMBEN, G., *Magia e Felicidade*, In: Profanações. Trad. Selvino J. Assmann. Ed. Boitempo. São Paulo: 2007, p. 22.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Profanações**. Trad. Selvino J. Assmann. Ed. Boitempo. São Paulo: 2007.
- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I** – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014.
- BLANCHOT, M. **A Experiência Mágica de Henri Michaux**, Trad. Marcelo Jacques de Moraes, disponível em www.scielo.br/pdf/alea/v12n1/v12n1a13.pdf. Acesso em 20/07/2017.
- CANÇADO, J. M. **PROUST – As intermitências do coração e outros ensaios**, Ed. UFMG, 2008.
- DELEUZE, G. **Proust e os Signos**. 2. ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- MALABOU, C. **Ontologia do Acidente – Ensaio sobre a plasticidade destrutiva.**, Trad. Fernando Scheibe. Ed. Cultura e Barbárie. Florianópolis: 2014.
- PROUST, M. **Contre Sainte-Beuve – Notas sobre crítica e literatura**, Trad. Haroldo Ramanzini, Ed. Iluminuras, 1988.
- PROUST, M. **Correspondências Proust/Gallimard**. Trad. Helena Bonito Couto Pereira. Ed. EDUSP. São Paulo: 1993.
- PROUST, M. **No Caminho de Swann**. Trad. Mario Quintana. São Paulo: Ed Globo, 2012.
- PROUST, M. **O Tempo Redescoberto**. 15. ed. trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2009.
- RILKE, R. M. **Elegias de Duíno**, Trad. Dora Ferreira da Silva. Ed. Globo. São Paulo: 2013.
- O SACRIFÍCIO. Direção: Andrei Tarkovsky. [S.l]: 1986, 1 DVD (148 minutos).